
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, CULTURA
E ASSUNTOS ESTUDANTIS
II SIMPÓSIO DE EXTENSÃO, CULTURA E ASSUNTOS ESTUDANTIS
13 e 14 de junho de 2013

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade

Anália Dias Souto¹

Resumo: O texto apresenta relatos sobre os trajetos do projeto de extensão “Regatando as raízes culturais da cidade de Crixás”, em desenvolvimento desde 2008, na Universidade Estadual de Goiás/Unidade Universitária de Crixás. Este artigo tem como objetivo mostrar a prática de atividades extensionistas, de modo a selar o contato entre a Universidade e a comunidade que a circunda. Tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica aliada a uma pesquisa documental e participante. Em um primeiro momento, apresenta-se as características comunicacionais da cultura crixense, fazendo menção às atividades que formulam o cotidiano de suas manifestações culturais, momento de grande relevância para que a sala de aula se torne espaço de discussão acerca dos organismos e traços que marcam, de forma peculiar, a cultura de uma cidade pequena, mas, ao mesmo tempo, rica em contexto econômico, assumindo status de um dos patrimônios históricos da terra goiana. A posteriori, faz-se breve alusão ao campo da intencionalidade do projeto de extensão em referência (justificativa, objetivos e ações empregadas), na perspectiva de apresentar evidências que possam conferir a realização e a pertinência das ações que marcaram, ao longo desses anos, a utopia que oportunizou a sua idealização e concretização.

Palavras-chave: cidade de Crixás; raízes culturais; atividades extensionistas, patrimônio histórico

INTRODUÇÃO

Inscrevendo-se no rol de uma cidade histórica, Crixás se destaca por possuir um bioma denominado cerrado, banhado pela diversidade de suas belezas naturais e por uma economia baseada na extração de recursos minerais (ouro) e na agropecuária. O nome Crixás é a tradução do termo “Kirirás” ou “Curuchás”, da língua Tupi para a Portuguesa, que cognominava a tribo indígena habitante na região, na época de sua descoberta.

Situada na região norte do estado de Goiás, os seus dias de glória se relacionam com o efervescente momento da mineração, mas não só por esse prisma, pois tem história ilustre para contar, com realce às tradições culturais que registram as suas peculiaridades em diversos níveis de manifestações, dentre elas, as de cunho religioso, culinário, linguagens típicas, comemorações e ritos, contornando uma linha de diversidade cultural digna de menção no cenário das abordagens e análises pertinentes.

A discussão tem o seu mérito, ao refletir a abrangência do projeto de extensão universitária

¹ Docente da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Crixás

“Resgatando as raízes culturais da cidade de Crixás”, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Goiás/Unidade Universitária de Crixás, envolvendo acadêmicos do curso de licenciatura plena em Pedagogia, com fins à realização de ações que alcancem a comunidade local, contornando uma linha dinâmica de avaliar os frutos do projeto em tela.

Nesse pressuposto, o trabalho consiste numa apresentação sucinta desse projeto, analisando o campo da intenção e da realidade, em face aos seus produtos, cuja abrangência tem alcançado, entre as suas conquistas, a restauração de três casarões que resultaram na criação do Espaço Cultural Ursulino Leão, em 28 de outubro de 2010, congregando atividades culturais diversificadas, atendendo às demandas e necessidades de instituições escolares e de outros órgãos da sociedade crixaense.

1. AS CARACTERÍSTICAS COMUNICACIONAIS DA CULTURA DE CRIXÁS-GO

Situada na região norte do estado de Goiás, a pacata cidade de Crixás surge no cenário dos municípios brasileiros destacando-se com uma população estimada em aproximadamente 16.000 habitantes². Descrivê-la, implica ressaltar que a sua economia se baseia especificamente na agropecuária e na extração de minérios, com evidência para a extração aurífera, pelo seu rico solo.

Mesmo exposta sob essa atrativa redação, que a eleva à categoria de eloquente fonte econômica, sua população usufrui baixa qualidade de vida, em virtude da má distribuição de renda entre os seus habitantes. Por certo, a fundação de Crixás está diretamente relacionada às descobertas dos garimpos de ouro no Brasil do século XVIII, daí o entendimento histórico de sua realidade. Entretanto, a riqueza de Crixás não se limita meramente ao potencial dos minérios que dão margem para a sua economia, pois, no que diz respeito à cultura, apresenta conteúdos extremamente dignos de exploração, delimitando campos de estudos e pesquisas para várias áreas do conhecimento. Uma vez assumido o posto de uma das cidades antigas do Estado de Goiás, “em Crixás ficaram rastros de trabalhos escravos como muros de pedras e escavações em regos para levar água de um córrego até o local do garimpo”, marco esse que se constitui campo de férteis oportunidades para pesquisa sobre a história local. Essas evidências, por sua vez, oportunizam uma gama de conteúdos que necessitam ser trabalhados no rol das discussões de sala de aula, no sentido de sensibilizar crianças, jovens e adultos, sobre o rico contexto da localidade em que vivem, iniciativa essa a contribuir para que o ensino alcance pilares de concretização sobre a realidade, desenvolvendo e ampliando, de sobremaneira, o conhecimento sobre o contexto que os circunda, bem como o respeito pelos traços culturais que formulam os aspectos característicos dos quais a história do seu povo germina.

As reflexões sobre a cultura, desde a tentativa de traçar o seu conceito, convidam pensá-la

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade
[Digite texto]

sob uma linha de discernimento que trata, de alguma forma, do homem intervir na natureza. Segundo Rios (1999), pensar a cultura, atrela-se à concepção de perceber o mundo transformado pelos homens e, por sua vez, essa/s transformação/ões é/são provocada/s pelas necessidades básicas da sobrevivência humana. Assim, o homem age com criatividade, na perspectiva de satisfazer seus quadros de necessidades. Assevera Rios (1999, p. 30), que

o conceito de cultura é um conceito-chave a ser considerado ao se estabelecer a relação entre educação e sociedade, uma vez que ele está, de certo modo, contido nesses dois outros. Não há sociedade sem cultura e não se fala em cultura sem a referência a uma relação social. A cultura pode ser definida, em primeira instância, como mundo transformado pelos homens. Se vamos partir daí, é preciso fazer referência às relações dos homens com essa realidade que os cerca e da qual eles fazem parte e que se chama mundo. O homem é um ser-no-mundo. Ele não é, primeiro, e depois é no mundo. Ser no mundo já é constituinte de seu ser homem.

No campo da religiosidade, Crixás se destaca pela apresentação de suas tradições. Possui várias igrejas, dentre elas a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, a Igreja Batista, a Igreja Presbiteriana, a Igreja Adventista, a Igreja Cristã no Brasil, a Igreja Assembléia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Igreja Maranata e ainda o Casa Espírita Joanna D Ângeles. Herança do trabalho escravo, São Benedito é o Santo de devoção dos que professam a fé católica. Assim, no que diz respeito aos aspectos religiosos, o povo negro contribuiu significativamente para a disseminação desse segmento. No período pós-abolição, quando o local foi abandonado,

o Sr. Ricardo Pereira Neves, avô de João Ferreira de Faria, 1º Prefeito de Crixás, trouxe a santo para sua residência e continuou a festejá-lo em todos os anos no mês de abril. Após sua morte seu filho continuou organizando a festa do santo, a imagem foi levada para a casa de festas do arraial, a Casa Grande e depois foi transportada para a igreja Imaculada Conceição e hoje se encontra na Igreja Matriz⁴.

A colonização de Crixás está relacionada à descoberta de suas ricas minas de ouro, em 1726, com a passagem da bandeira chefiada por Bartolomeu Bueno, filho de Anhanguera. Assim, a região que compreende os Rios Crixás-Açu e Crixás-Mirim, em que residiam os índios “Kirirás” ou “Curuchás”, cuja tradução do tupi é Crixás, deu origem à denominação da cidade, bem como dos seus dois grandes rios. Anteriormente conhecido como povoado Nossa Senhora da Conceição, alcunha que perdurou de 1726 a 1734, a História goiana registra como fundador o bandeirante Manoel Rodrigues Tomás, companheiro de Bartolomeu, sendo chamado definitivamente Crixás. Entretanto, outra corrente histórica autoriza o mérito de sua fundação ao sertanista Domingos Pires, em 1734, elevada a “arraial” em 17406. Segundo Galli (2005, p. 7), ao registrar os arraiais do ouro no século XVIII, eis a informação: “Crixás, 1734, descobridor Domingos Rodrigues do Prado e fundador Manoel Rodrigues Tomaz”.

Mas os traços culturais de Crixás vão mais adiante, revelando um universo de riquezas,

como a tradicional Folia do Divino Espírito Santo, as Cavalhadas, a Festa do Imperador, Festa Junina, Festival do pequi, Feira do cerrado, danças como a Veadeira, Catira, Tambor, Dança do Ponto, entre outros. A observação dessas manifestações despertou o interesse para que as mesmas (os seus conteúdos) pudessem receber um enfoque maior no cenário universitário, daí a justificativa na proposição de um projeto de extensão que ganhou centralidade e tem, desde 2008, oportunizado vivências diretamente relacionadas com as tradições culturais que contornam as comemorações dos crixaenses.

1.1 Folia do Divino Espírito Santo

Sob o realce de uma das principais datas festivas na agenda da comunidade crixaense, a Folia do Divino Espírito Santo ocorre no mês junho, cerca de mais ou menos 50 (cinquenta) dias após a Páscoa, organizando-se a partir de cerimoniais denominados Pousos de Folias, culminando com a celebração de uma missa em louvor ao Divino Espírito Santo, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. O ritual envolve ainda, a tradicional distribuição de bolos e doces, após a missa, na porta da igreja, referendando uma manifestação de gentileza, por parte do Imperador da Folia. Anteriormente, era conhecido como a Festa do doce. Os personagens do Imperador e da Imperatriz constituem-se figuras de destaque. Seus trajes a rigor, propositalmente criados com a finalidade de ostentar a pose de um rei, dão mais representatividade ao cargo. Atualmente, esses trajes foram modernizados, prevalecendo o uso das faixas e das coroas por ambos.

A tradição crixaense registra o Imperador da Festa do Divino Espírito Santo como o responsável pela realização da festa desde os tempos em que Crixás era assistida por padres visitantes. Atualmente, essa solenidade fica na incumbência da Paróquia, que compõe uma comissão organizadora. A escolha do Imperador tinha como pré-requisito um fazendeiro da região e sua esposa, respectivamente; este se deslocava para a cidade dois meses antes da festa, envolvendo-se com as atividades organizativas. À imperatriz, por sua vez, competia, com sua equipe, o cuidado na fabricação de doces, bolos e biscoitos a serem servidos aos convidados e à comissão auxiliar da festa (LIMA, 2011).

Mesmo sendo um marco na tradição local, a década de 1970 registra uma grande pausa na festa do Imperador. Essa interrupção se deu, em virtude da demolição da casa Grande, ponto de acolhimento das festas, ocasionando uma grande perda nas tradições. Destaca Lima (2011), que essa perda atingiu, principalmente, a juventude “que participava das danças e coreografias da festa, também dos cânticos típicos da época que veio os afastar do convívio da sociedade familiar, seguindo outros caminhos e até outras religiões”. Cerca de 30 anos depois, a figura do Imperador nas festividades das Folias do Divino Espírito Santo volta a marcar presença, fruto de intervenção

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade
[Digite texto]

de “D. Delmira Machado e o casal Ana Carvalho e Joaquim Maciel apoiados pelo Pároco Vanildo Fernandes da Motta” (Id. ib., grifo meu).

Em Crixás, a típica manifestação cultural da Folia do Divino Espírito Santo, pela sua importância, recebeu um regulamento. Desta feita, em consonância com o seu Art. 1º, o regulamento da Festa em Louvor ao Divino Espírito Santo se sustenta pela necessidade de “manutenção e ao estímulo às tradições culturais e religiosas do município de Crixás-GO.” A festa, é comemorada há mais de dois séculos no município, e faz menção à festa de Pentecostes, reportando-se à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, consoante o registro bíblico de Atos (2:1-4), narrando sobre o batismo dos Apóstolos com o Espírito Santo:

- 1 E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar;
- 2 E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.
- 3 E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.
- 4 E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

De acordo com o livro “Crixás - nossa terra, nossa gente”, de autoria de Maria Madalena de Lima (2007), a festa provém de Portugal, desde a Idade Média, sob a narrativa de que a um monge é revelada a chegada sobre os homens da Terra „a época do Espírito Santo“. A ideia chega ao Brasil, por intermédio de alguns adeptos, que para cá migraram, após o período da Colonização. Estes se incumbiram em difundir a idéia de uma festa de louvor a Deus, visto se reportar à terceira pessoa da Santíssima Trindade – o Espírito Santo. Sendo um referencial nas tradições culturais da comunidade crixense, a festa, além de ser um elo de reverência à fé cristã, atrela-se à oportunidade de reviver costumes que marcaram gerações, selando ainda diversão e manifestação da cultura popular, incluindo apresentações folclóricas, dentre elas, os grupos de catira com suas danças. Nessa típica comemoração, todos têm um papel a desempenhar. Enquanto os foliões e violeiros se organizam em visitar as casas dos devotos, nos clássicos pousos de folias, incluindo traços marcantes, como os cantores e violeiros que fazem cantorias de quadrinhas apropriadas para saudações (na chegada e na despedida) da casa visitada, os anfitriões recebem os participantes com comidas, bolos e doces típicos. É comum ainda, a arrecadação de esmolas durante a festa e a prática proposital, por parte dos devotos, em cumprirem promessas e fazerem novas.

Os pousos de folia reúnem modalidades de danças com ritmos diferenciados. São eles: o batuque de chegada, a catira, o ponteado (ou ponto) e a veadeira.

O batuque da chegada é feito quando a folia chega na casa onde vai ocorrer o pouso, depois da cantoria do início, na qual o pouso é pedido. Após a parte religiosa, ocorre uma descontração na qual os foliões dançam e chamam os donos da casa para dançar também. Após o jantar e as outras

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade
[Digite texto]

normas do pouso de folia é dançado o ponteado, que também é uma descontração. Ele também pode ser dançado no dia seguinte, antes que os foliões saiam do pouso. Classificam-se como as principais danças da Folia do Divino Espírito Santo, a veadeira e a catira.

A veadeira é uma dança exclusiva da folia de Crixás, é representativa pelo folclore, pela descontração e pela coreografia dos foliões, que é bem diferente da catira. De acordo com relatos escritos de Joaquim Maciel, a veadeira surgiu de uma brincadeira entre os foliões de Crixás, principalmente entre o pessoal que girava nas fazendas. "Eles fizeram a coreografia com um gingado, como se fosse aquelas danças africanas que imitam os animais selvagens. Eu não sei o porque do nome veadeira, mas a credito que seja por que se assemelha a um veado se esquivando dentro do mateiro", conta José Manuel.

As danças realizadas nas folias são de origem afro-brasileira. A dança do tambor “relembra as danças das senzalas onde várias pessoas cantam músicas com versos repetidos numa grande roda, seus instrumentos são os tambores feitos de pau oco e de vários tamanhos. É uma verdadeira coreografia”. Já a catira, que também recebe o nome de cateretê, é “animada e barulhenta dançada ao som da viola e pandeiros”; o batuque, caracteriza-se como “a dança da chegada das folias quando se homenageia o dono da casa” e a veadeira é “muito parecida com a catira porém o sapateado é mais rápido, temos ainda a dança do ponto, Carneiro, etc”.

Relata o folião Sebastião Dias, em entrevista concedida a Giovanna Beltrão, que *a catira é de origem das rodas de boiadeiros que compravam e vendiam gado, ou em outras palavras, “catiravam a mercadoria”*. Suas palavras definem: *“Catira é o jeito de trocar um animal pelo outro, então os boiadeiro viajava a cavalo fazendo isso. A noite em redor de uma fogueira eles dançava e ficou a dança com o nome de catira”*. Em suma, essa comemoração ganha centralidade nas perspectivas do cidadão crixaense, pelo empenho em manter as tradições de seus antepassados, quando nomes importantes da comunidade como Joaquim Xavier Maciel, conhecido como seu Quim Maciel, falecido em 28.12.2008, que muito enfatizou a necessidade de preservar as tradições da Festa.

É necessário afirmar os elementos históricos e manifestações culturais de nosso povo, através da luta pela preservação das tradições crixaenses. Estamos vivendo a era da “globalização” onde os significados da fé e valores se confundem, por estarmos em contato a todo o momento com múltiplas culturas através dos diversos meios de comunicação, o que tem afetado diretamente a formação dos jovens que, afastados da cultura de nossos antepassados, estão perdendo a nossa identidade cultural em novos valores e paradigmas culturais.

No X Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros, em matéria intitulada “Exaltação e saudade na batida dos pés de Crixás”, José Manoel Carvalho Maciel faz referência a seus pais:

A Folia de Crixás tem uma tradição de mais de 200 anos, que é passada de geração para geração. Os registros históricos da festa começaram a partir do século passado, quando a família de Manuel

de Carvalho levou a tradição de Minas Gerais para o município e passou para os filhos. No entanto, em Crixás, já havia o desenvolvimento da Folia do Divino, em parceria com a Folia de Pilar de Goiás. Segundo José Manuel Maciel, foi seu avô José Maciel quem passou a tradição para Joaquim Maciel, seu pai. "O casamento do meu pai Joaquim Xavier Maciel com a minha mãe, Ana Carvalho, fortaleceu ainda mais a tradição nas famílias. A partir daí, ela começou a ser passada de geração em geração e a Folia do Divino passou a ser a principal atração cultural e também a maior representação do sentido religioso da cidade", explica José Manuel.¹⁸

Há que ressaltar, que essa preocupação latente, não é comum em outras cidades interioranas de Goiás. No entanto, Crixás tem um posicionamento diferenciado, para que as gerações futuras possam desfrutar essa festa com orgulho, respeito e significação, daí a importância em manter viva essa tradição.

1.2 As Cavalhadas

Entendida como mais uma das habituais tradições folclóricas de Crixás, as cavalhadas se destacam como um evento cultural, que acontece no cavalcadouro da cidade, sempre no final do mês de junho, sem data fixa. Em Crixás, são realizadas concomitantemente à festa de Folia do Divino Espírito Santo. Tradição oriunda de Portugal, século XII, o nordeste foi a primeira região brasileira a usufruir os seus ritos. Posteriormente, disseminou-se pelo resto do país, com ênfase nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás¹⁹.

A cavalhada abarca um ritual cuja encenação é protagonizada por 24 cavaleiros com trajes típicos da era Medieval. Subdivididos em dois grupos distintos e em quantidades iguais, os mouros são identificados na cor vermelha e os cristãos, em azul. A encenação, por sua vez, reúne sincronia nos movimentos, em que cavalos e cavaleiros se encontram devidamente ornamentados, para assim, reviverem cenas nos campos de batalhas, consoante à época em que o evento encontra a sua aspiração. Cada encenação é estimada em torno de 40 minutos e, ao final, os dois grupos seguem na procissão do Divino Espírito Santo até a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.

1.3 Festa Junina

Em nível de Brasil, o mês de junho expõe características peculiares, que variam de região para região. No entanto, essas comemorações assumem pontos comuns, que se cruzam com a intensa manifestação de danças, comidas típicas e bandeirinhas. Trata-se das festas juninas, que têm início no dia 12 de Junho (véspera do dia de Santo Antônio), encerrando no dia 29 (dia de São Pedro). Contudo, a culminância dessas festividades ocorre nos dias 23 e 24, em louvor ao dia de

São João. Constituem-se marcos dessas comemorações, as clássicas quadrilhas, embaladas por forrós, leilões, bingos e casamentos caipiras. Tradição oriunda de Portugal, onde são conhecidas “pelo nome de Santos Populares e correspondem a diversos feriados municipais: Santo Antônio, em Lisboa; São Pedro, no Seixal; São João, no Porto, em Braga e em Almada”²⁰.

Em Crixás, essas comemorações sofrem variações nas escolas, em especial nas quadrilhas, pela rotatividade de temas e adaptação a músicas que registram épocas diferentes com variados estilos da música popular brasileira.

1.4 Festival Gastronômico, Cultural e Esportivo de Crixás

Outro marco cultural local é o Festival Gastronômico, Cultural e Esportivo de Crixás, criado em 2006, e comumente divulgado como o Festival do pequi, fruto do bioma cerrado, típico da culinária goiana. O evento ocorre no final do mês de outubro, no espaço da Feira Coberta Rocinha de Porta, centro de Crixás. A programação envolve receitas preparadas por empreendedores locais, entre donos de restaurantes, bares, lanchonetes e cozinheiros, recebendo estandes do comércio de iguarias habituais, que privilegiam o sabor do pequi e conservas do produto. Nessa época, Crixás se torna lócus para visitantes de todo o Estado, bem como turistas do Mato Grosso e Tocantins, principalmente. Envolve ainda shows, contando com a presença de artistas regionais e renomados, contribuindo para o aumento da arrecadação municipal.

2. QUANDO A INTENÇÃO VIRA REALIDADE

O projeto de extensão “Resgatando as raízes culturais da cidade de Crixás” foi criado sob a justificativa da necessidade de “pensar na valorização, respeito e ampliação do conhecimento das raízes culturais da comunidade de Crixás”, ação essa que se torna contundente, por entender que cada grupo social está inserido em um mundo cultural. Pensar a vivência da cultura na vida em sociedade implica, muito mais, que perceber as suas formas de manifestações, mas, de alguma forma, posicionar-se sob uma linha de sentido que dê importância aos aspectos culturais. Bem mais que isso, implica contornar horizontes para que se extraia significado para as práticas que dela fazem parte. Refletir esse prisma traz, para a educação, um cenário de implicativos, afinal,

[...] a educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora prática educativa não é apenas uma exigência para a vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função das necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade (LIBÂNEO, 1994, p. 16, 17).

O projeto em tela, entre os seus objetivos, apresenta a ambição de “ampliar o conhecimento sobre o patrimônio cultural que existe na comunidade local, reconhecendo e valorizando o trabalho educativo através das diferentes possibilidades de entrelaçamento entre instituições educativas e a comunidade”. Esse objetivo remete pensar a intrínseca relação entre educação e sociedade. Ao educador, compete, nessa forma de ver e pensar a indissociabilidade entre ambas, a assunção de um trabalho respaldado por um terceiro verbo: agir. Assevera Libâneo (1999, p. 17), que:

Através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social. Tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados pelas novas gerações.

A citação acima, diretamente se relaciona com um segundo objetivo traçado no projeto, o qual se atrela à necessidade de “divulgar a cultura local”. Não é suficiente afirmar, que Crixás tem potencial cultural, que possui características que comunicam espontaneamente a sua cultura e se tornam base de sustentação para propostas contundentes na área de pesquisas. Há que ressaltar, portanto, que passos necessitam ser dados, cabendo à Universidade manter um contato mais direto com a comunidade que a circunda, na perspectiva de acionar um juízo crítico, que queira compreender e buscar o sentido da ação. Desta feita, considerando que o cotidiano universitário se organiza via operacionalização da tríade ensino, pesquisa e extensão, convém afirmar, que esses pilares, em consonância com as áreas de conhecimento, são os setores diretamente responsáveis pela produção acadêmica, devendo vislumbrar à formação de recursos humanos qualificados, em correspondência com as aspirações sociais mais amplas. Essa perspectiva evidencia a necessária relação entre sociedade e universidade, delegando a atribuição de funções que caracterizem a Universidade como espaço de constante reflexão e crítica sobre os diferentes processos societários. Dessa forma, a extensão universitária se relaciona diretamente com a Sociedade, por meio de atividades propositalmente elaboradas, com o fim específico de beneficiar a sociedade, propriamente dita. Sobre extensão universitária, discute Nogueira (2000, p. 120), que

... tem-se hoje como princípio que, para a formação do profissional cidadão, é imprescindível sua efetiva interação com a sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá que enfrentar.

O trabalho da extensão universitária, visto sob a ótica de projeto social, implica a realização de atividades que alcancem a comunidade, assentando-se numa linha de proposta que vise à interlocução com a sociedade, na ambição de construir novos e diferentes saberes, visando à mediação entre o saber popular e o saber científico, configurando o compromisso social da universidade em face à construção da cidadania. O último objetivo do projeto tem o seu respaldo

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade
[Digite texto]

em “valorizar as iniciativas do resgate cultural”. Os depoimentos apresentados pelos sujeitos envolvidos com os grupos culturais anteriormente abordados neste texto, acenam para a obrigatoriedade de um trabalho coletivo, em que se coloque em prática, de modo mais formal, o que seja o trabalho com a cultura, cabendo à universidade, uma parcela de contribuição, no sentido de organizar nos seus quadros de ações, propostas que culminem para a contemplação desses anseios. E assim, esses horizontes contribuíram para que os produtos do projeto em descrição alcançassem concretude.

A seguir, serão expostos os principais produtos acadêmicos concretizados ao longo do desenvolvimento do projeto “Resgatando as raízes culturais da cidade de Crixás”: Primeira reunião realizada no Espaço Cultural Ursulino Leão, com representantes de Crixás e de outras localidades do Estado. O gerente geral de operações da empresa Mineração Serra Grande, Ricardo de Assis e o prefeito de Crixás, Olímpio César Almeida de Araújo, na solenidade de inauguração do Espaço Cultural Ursulino Leão, em 28/10/2010, contando com expressiva participação da sociedade local. A primeira atividade realizada no Espaço Cultural Ursulino Leão, foi uma exposição de jóias produzidas com minérios extraídos de Crixás, coordenada pela Mineração Serra Grande S/A, em 6/12/2010; Exposição de obras de arte de Joyce Espínola – Projeto Extensão em artes plásticas patrocinado pela Mineração Serra Grande; Exposição de instrumentos musicais, em 14/6/2012, que foram adquiridos por intermédio da Mineração Serra Grande e doados ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), sede de Crixás; Tradicional Folia do Divino Espírito Santo, realizada em 22/6/2012, com expressiva participação da comunidade crixense; Festa do Imperador da Folia do Divino Espírito Santo, em 23/6/2012; Exposição de trabalhos dos estudantes do Colégio Estadual Prudêncio Ferreira, em 25/6/2012; Apresentação 6ª Cultural. Em cena, a peça teatral Velório à brasileira evento organizado pela Mineração Serra Grande (10/8/2012); Apresentação do Espaço Cultural aos alunos do Colégio Estadual Prudêncio Ferreira (17/8/2012); Mostra de produções de estudantes da Associação de pais e amigos dos excepcionais (Apae) - Crixás (26/8/2012) e Visita do gerente de sustentabilidade Rogério Carvalho Costa e o diretor geral da Mineração Serra Grande (2/9/2012), com apresentação da Fanfarra Municipal; “Cronologia da história de Crixás (1734-2013)”, palestra ministrada aos alunos do Colégio Cora Coralina em 14/2/2013 (foto à esquerda) e “O caminhar da história de Crixás (1734-2013)”, palestra ministrada aos alunos do Colégio COC em 1/3/2013. Ao expor essas ações fica a compreensão da diversidade de temas desenvolvidos no Espaço Cultural Ursulino Leão, desde o início confirma-se a concretude dos objetivos elencados no projeto extensionista da UEG UnU Crixás, configurando muito mais que um espaço de entretenimento para a sociedade local, mas a oportunidade de prover lazer com prazer, responsabilidade e dedicação, sob o formato da cultura. Tais premissas condizem com a

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade [Digite texto]

expectativa de respeito as raízes crixenses, em correspondência com a preservação de costumes produzidos pelas gerações passadas, sem perder o brilho e o teor cultural tão amplamente debatido nos discursos da academia. Isso é fazer cultura!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços pelos quais passa a humanidade, em meio às mudanças e transformações nos âmbitos econômico, político, tecnológico, entre outros, conferem a necessidade de um trabalho educativo comprometido com a correspondência dos propósitos que definem os trâmites da vida em sociedade. Neste texto, buscou-se (re)conhecer relações entre a sociedade e a cultura por ela construída, na esperança de que o futuro tem inerências com o tempo presente e passado, dependo destes dois últimos o planejamento daquele. Daí a necessidade de identificar relações entre a sociedade e a cultura, bem como os aspectos que dimensionam, em diferentes temporalidades, as relações entre sociedade e cultura. Para realizar um trabalho nessa envergadura, é preciso ir além do simples querer fazer, para que o poder fazer possa favorecer, no sentido de discernir características, contextos, mudanças, permanências, continuidades e discontinuidades no tempo; o que passa a viabilizar, por certo, o reconhecimento de diferenças e semelhanças entre as relações culturais construídas no presente e no passado. A tarefa de pensar a cultura é convidativa à precisão de compreender e fazer cultura. Tornam-se verbos indissociáveis. Atrelada a essa sede de busca, impreterivelmente, envolvem-se laços de identidades e/ou diferenças, viabilizados pela identificação de perspectivas históricas, de diferentes relações, de características, portanto, vale repetir: de contextos, de mudanças, de permanências, de continuidades e discontinuidades no tempo. Desenvolver um projeto sob essas aspirações, antes de ser sonho, é também sinônimo de compromisso, valorização, respeito e orgulho pela cultura local, no sentido de partir do micro, com probabilidades para o macro.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Giovanna. Exaltação e saudade na batida dos pés de Crixás. Texto publicado em 1.8.2010, disponível em <<http://www.encontrodeculturas.com.br/2010/noticiasDetalhe.php?id=413>>, acesso em março de 2013.

CARDOSO, José Antonio. Crixás promove festival do pequi. Disponível em <<http://www.go.agenciasebrae.com.br/noticia/12557898/exposicoes-e-eventos/crixas-promove-festival-do-pequi/>>, acesso em março de 2013.

Crixás. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crix%C3%A1s>>, acesso em março de 2013.

PROJETO RESGATANDO AS RAÍZES CULTURAIS DA CIDADE DE CRIXÁS: da intenção à realidade
[Digite texto]

Festa do Divino Espírito Santo de Crixás. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/festa-do-divino-espírito-santo-de-crixas>>, acesso em março de 2013.

Folia e catira de Crixás. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/folia-e-catira-de-crixas>>, acesso em março de 2013.

JUVENAL JÚNIOR. Cavalhadas em Crixás mantêm tradições. Texto publicado em 19.7.2010. Disponível em <<http://www.jornaldiariodonorte.com.br/detalhes-impresso.php?tipo=846&cod=5635>>, acesso em março de 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Maria Madalena de. Festa do Divino Espírito Santo em Crixás. Disponível em <<http://www.romuloimoveiscrixas.com.br/news?nid=12>>, acesso em março de 2013. _____ . Crixás – nossa terra, nossa gente. Goiânia: Scala Gráfica e Editora, 2007.

LOPES, Patrícia. Festa junina. Disponível em <<http://www.brasilescola.com/datas-comemorativas/festa-junina.htm>>, acesso em março de 2013.

NOGUEIRA, M. das D. P. Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas/ UFMG, 2000.

Restauo do casario de Crixás. Disponível em <<http://www.icbc.org.br/index.php/casario-de-crixas-go-2>>, acesso em março de 2013.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. São Paulo: Cortez, 1999.

GALLI, Ubirajara. O primeiro ouro que saiu de Goiás. Revista História em Goiás, Ano 1, n. 1, abril, 2005.

SANTOS, Anadete Maciel. Manifestações culturais de Crixás. Disponível em <<http://crixasgoias.blogspot.com/2008/04/manifestaes-culturais-de-crixas.html>>, acesso em março de 2013.

Um pouco sobre o nosso município. Disponível em <<http://www.crixas.go.gov.br/>>, acesso em março de 2013.

VILELA, Anne. Folia do Divino de Crixás. Disponível em <<http://www.encontrodeculturas.com>. BELTRÃO, Giovanna. Exaltação e saudade na batida dos pés de Crixás.

Texto publicado em 1.8.2010, disponível em <<http://www.encontrodeculturas.com.br/2010/noticiasDetalhe.php?id=413>>, acesso em março de 2013.